O perigo que reside nestas crônicas familiares é o de cair-se no fastio da narração dos intermináveis incidentes domésticos, sem grande repercussão e quase nenhuma interpretação, dando em consequência uma história de copa e cozinha. Isto não se verifica com êste livro, pois a família retratada, têm as proporções estabelecidas tanto na sua intimidade, quanto na sua extraordinária vida pública.

Assim, o patriarca onipotente, as matronas dos caricatos matriarcais das casas-grandes, os procuradores, aquêles monarcas das regiões vazias, no dizer do autor dos fidalgos e peões e de tôda a familhagem se agitam nesta história.

Dotes e trocas de títulos, raptos e chacinas, politicalha e espionagem, não faltam nesta narrativa sôbre o velho solar. Autênticos potentados povoaram os sertões, criando vilas e freguesias, arraiais e capelas, pousos e missões, apesar das desinteligências com a Igreja e com o Estado, ainda que prestigiada e quase temida por ambos. A Casa da Tôrre protraiu a sua existência por dilatado espaço de tempo, só não conseguindo manter os seus domínios e prestígio no espaço e no tempo, menos talvez pela vizinhança incômoda da penetração de novos e poderosos clãs, do que pròpriamente pela rareza de líderes masculinos, que se responsabilizassem por aquela desejada continuidade.

Depois dessa longa, trabalhosa e invejável existência de uma continuidade familial e de um poder, é com uma quase melancolia, que vamos notando o seu desmembramento, ao qual não houve a ausência até de uma ponta de tragédia.

O historiador não descurou do cuidado do linhagista em estabelecer os laços da ilustre progênie.

Até a chamada Guerra da Independência, na Bahia, se fêz sentir a influência da Casa da Tôrre. Essa Casa extraordinária, que chegou com os primeiros, conquistou a terra ao gentio, defendeu-a bravamente dos inimigos de el-rei, na Independência e acabou servindo o Império, foi trissecular. Continuou, na mais alta expressão, o legado que o povo português nos fêz com a instituição social da família, por êle transmitida tradicionalmente.

Por todos êsses títulos de interêsse, êste estudo do prof. Pedro Calmon, é com certeza, uma das suas melhores contribuições à historiografia pátria.

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA



CORTESÃO (Jaime). — Antecedentes do Tratado de Madrí. Jesuítas e Bandeirante no Paraguai, 1703-1751. Volume VI dos Manuscritos da Coleção de Angelis, introdução, notas e sumário por Jaime Cortesão. Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional, 1955. 328 páginas, pagina 3 Introdução, Sumário contendo a lista dos 51 documentos e rápida exposição

dos seus conteúdos à página 307, Índice geográfico à página 319 e onomástico à página 323.

Trata-se de uma coletânea de 51 documentos sôbre temas diversos relacionados com o Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia. A obra está dividida em cinco secções: I. — As expedições dos jesuítas e os bandeirantes; II. — As missões dos Chiquitos e dos Moxos e os bandeirantes; III. — As missões do Paraguai e os bandeirantes; IV. — Relações entre o Estado espanhol e os portuguêses.

Como diz o comentador da coleânea, Prof. Jaime Coresão, à página 3 na sua introdução:

... "um denominador comum enfeixa os 51 documentos dêste volume: de um lado o impulso expansionista dos bandeirantes; do outro o esfórço tenacíssimo da Província jesuítica do Paraguai para organizar o esfórço genes em reduções e opor-se, com êsse auxílio, ao movimento dos paulista;"

Os documentos apresentados são fontes preciosas para os estudos daquele período histórico. Como exemplo podemos citar o documento número II — Relação Duma Viagem no Rio Paraguai Desde Assunção Até Ao Lago Dos Xaraiés, Em 1703-1704, Pelo Padre Francisco de Arce, Redigida em 1713; ou então o documento número V -Relação Duma Viagem Para Descobrir O Caminho Desde As Missões Dos Chiquitos Até ao Paraguai, 3 de janeiro de 1705, e muitos outros desse tipo que dão informes para a história da geografia daquelas regiões. Assuntos ligados à Etnografia aparecem em tôda a documentação, podendo ser ressaltado o documento número III - Relação Duma Viagem De Exploração No Rio Paraguai Com O Fim De Estabelecer Ligação Com As Missões Dos Chiquitos Pelo Padre Bartolomeu Ximenez, 1703, ou o documento número X — Suma Das Consultas Celebradas Nos Povos De São Xavier E São Rafael Sôbre A Possibilidade De Reduzir A 3 Os 6 Povos Da Missão Dos Chiquitos. Um documento muito interessante é o de número VII — Relação Dos Primeiros Esforços Para A Fundação Da Missão Dos Chiquitos Pelo Padre José Francisco Arce, Nos Anos De 1691 e 1692, que no dizer do autor à página 309:

... "Nesta interessante relação... se dão informes muito objetivos sôbre a geografia e clima da região habitada por aquêles indios".

O documento número VIII — Ordens Para As Missões Dos Chiquitos Feitas Pelo Padre José Paulo de Castanheda, 24 de Agôsto de 1704, é um documento importante para o estudo das obrigações e trabalho dos jesuítas e a conduta exigida pela Ordem perante os indígenas. A série de documentos, XXIV a XLVI, Introdução, Pelos Bandeirantes, De Indústria Do Tabaco No Paraguai, nos mostra os esforços do govêrno espanhol para fundar na colônia uma indústria de fumo igual a que havia no Brasil, e a introdução da indústria no Paraguai por dois portuguêses contratados para tal fim.

Outros aspectos interessantes da coletânea são os variados informes sôbre as missões existentes naquela época, a sua população e o formidável trabalho dos heróicos e abnegados jesuítas.

A documentação é farta, memoriais, cédulas reais, relatórios, ordens dos governadores sob as mais variadas providências, requerimentos, certificados de compra, etc., etc.

Seria desnecessário ressaltar a valiosa contribuição para o estudo da história das Bandeiras e do trabalho dos jesuitas na América, que representa esta coleção. E' uma fonte preciosa que fornece farto material para a realização de novos estudos e também para revisão de muitos aspectos de trabalhos já realizados sôbre o assunto.

VIVALDO W. F. DAGLIONE

* *

SANTOS FILHO (Lycurgo). — **Uma comunidade rural do Brasil Antigo.** Edição ilustrada. Volume 9 da Coleção "Brasiliana". Série Grande Formato. Cia. Editôra Nacional. São Paulo, 1956.

Até onde a História de uma família pode interessar à História de um povo ou de uma civilização?

A nosso ver, afora o necessário restabelecimento do passado histórico, também há a necessidade de requisitar-se a interpretação sociológica, no sentido que lhe empresta a Escola Histórico-Cultural. E aqui, então, teremos o que poderíamos chamar de sociologia doméstica, para a investigação e interpretação dos fatos internos, a fim de que seja definido o substrato da projetação histórica do grupo familial, na sua presença e na sua eventual continuidade histórica.

Assim, êsse estudo, que tem ganho cada vez maior número de pesquisadores, terá sua importância presa, principalmente, a dois aspectos: 1.º) interno — o dos costumes, que poderá explicar o "standard" de uma época do pretérito; 2.º) externo — a ação social, política, religiosa, econômica, etc., dos integrantes do grupo familial, ou do próprio grupo em si, na comunidade, na sociedade e na própria civilização.

E' óbvio que no primeiro caso, pode interessar o estudo de qualquer família, isto é, o estudo de uma família, cuja constituição orgânica, dentro de uma normalidade, servirá para caracterizar o momento histórico. Já no segundo caso, a família a ser estudada carecerá, principalmente, na sua continuidade histórica, de uma projeção que possa ter influído na modificação e evolução dos fenômenos históricos.

Em ambos os casos, e êles não se confundem, a História terá o seu "campus", para a reconstituição e compreensão do passado.

Ora, quando ocorre da família constituir-se em comunidade, e portanto, passa a encerrar um complexo de organização espacial efuncional mais dilatado, então, geralmente, dar-se-á o ensêjo do estudo de ambos os aspectos: interno e externo, pois a família, no caso, pela sua projetação e continuidade, exigirá que o historiador se atetanto ao doméstico (no sentido interno), quanto ao social (no senti-